

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA CIDADÃ**

**Marcos Renato Cezar**

**SÃO PAULO**

**2006**

# **EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA CIDADÃ**

**MARCOS RENATO CEZAR**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção dos graus de Bacharel e Licenciado em Educação Física.

***ORIENTADOR: PROF. DR. MOACIR GADOTTI***

## AGRADECIMENTOS

### **OBRIGADO...**

... *DEUS*, pela minha vida;

... *Fé Esperança Caridade*, minha mãe. A melhor educadora do mundo!

... *Victor Cezar*, meu pai, que lá do céu me vê e ajuda.

... *Meus irmãos*, pelo apoio e cuidado que tiveram comigo.

... *Moacir Gadotti e Paulo Freire*, educadores que renovaram o sentido da escola e trouxeram ensinamentos grandiosos à humanidade.

... Professores *Luis Dantas, Osvaldinho e Marcos Garcia Neira*, que lutam como guerreiros para formar um exército de bons professores.

... *minha Érika*, terapeuta ocupacional e educadora. Te Amo.

... *amigos da 70<sup>a</sup> turma*, por fazerem parte da minha vida acadêmica, em especial *André Massaru* (“um cara engraçado”) e *Washington Tominaga* (“pronto pro que der e vier”).

... *amigos educadores* daquele NURI que viveram a utopia da educação perfeita.

**SUMÁRIO**

	PÁGINA
RESUMO.....	v
PREÂMBULO .....	vii
1. INTRODUÇÃO .....	01
2. TEORIAS PARA UMA ESCOLA. MAS QUAL ESCOLA? .....	06
2.1 As Escolas do Brasil .....	08
2.1.1 Exemplos Reais .....	09
2.1.2 Aprender com os erros .....	10
2.1.3 Aprender com o outro .....	12
2.2 A Educação Física e seu foco indefinido .....	14
2.2.1 A Educação Física competitiva .....	15
2.2.2 Exclusão e Participação .....	17
3. A ESCOLA CIDADÃ .....	19
3.1 Autonomia da Escola Cidadã .....	22
3.2 Projeto Político-Pedagógico .....	23
4. EDUCAÇÃO FÍSICA CIDADÃ .....	24
4.1 Educação Física como agente interdisciplinar .....	27
5. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM BREVE HISTÓRICO .....	28

5.1 Criação do corpo ideal .....	29
6. CONCLUSÕES .....	31
BIBLIOGRAFIA .....	35
ANEXO I :	
Estudo Errado .....	I

## RESUMO

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA CIDADÃ****Autor: MARCOS RENATO CEZAR****Orientador: MOACIR GADOTTI**

A educação no Brasil vem passando por intensas mudanças. Ao mesmo tempo em que aumenta o número de matrículas e oferecimento de vagas, a qualidade de ensino cai de forma lamentável. A luta para acabar com o analfabetismo destoa com a taxa de analfabetos funcionais que concluem o ensino fundamental. A educação física, por sua vez, não colabora muito para a reversão dessa situação. Seguindo moldes militares, uma grande parte dos professores limita-se a pegar a bola e apitar os jogos, formando bons competidores, organizando acirrados campeonatos e negligenciando a educação aos alunos. Vemos algumas iniciativas interessantes, mas que não seguem rumo algum, sem saber qual a função da educação física na escola. A Escola Cidadã é a práxis de uma educação voltada para todos. Ela é feita na comunidade para a comunidade, com um Projeto Político-Pedagógico que permite uma relação íntima entre todas as disciplinas, oportunizando a formação do conhecimento por todos os alunos, de forma simples e clara. É a autonomia libertando a aprendizagem das velhas e enferrujadas técnicas mecanicistas e diretivas dos conteúdos. É o caminho mais justo para a educação realmente formar uma sociedade. E o

objetivo desse trabalho é discutir formas de se incluir a educação física à Escola Cidadã, levando seus objetivos específicos e implementando-os no Projeto Político-Pedagógico que alicerça tal modelo de pedagogia e administração. Ressalto a importância do trabalho com a comunidade e a interdisciplinaridade que compõe e caracteriza a Escola Cidadã, entre alguns outros fundamentos. Respaldo pelas obras de educadores como *Paulo Freire* e *Moacir Gadotti*, enxergo o caminho ideal para a educação física se impor como disciplina básica na formação do cidadão. E é na práxis da Escola Cidadã que a utopia da educação igual para todos se apresenta como realidade.

## PREÂMBULO

*“A Escola Cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e de deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. A Escola Cidadã, então, é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com o seu discurso formador, libertador. É toda escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia.”*

***Paulo Freire, 1997 – em entrevista à TV Educativa***

(retirado do texto “ESCOLA CIDADÃ – EDUCAÇÃO PARA E PELA CIDADANIA”,  
de Moacir Gadotti).



## 1. INTRODUÇÃO

Penso que a escola é muito mais que uma mera transferidora de conhecimentos. É um local de vivência, de aprendizagem, de troca de experiências e culturas, é onde a criança e adolescente fazem amigos e conhecem as formas de ocupar seu espaço no mundo. É onde recebe e dá; onde cria e destrói, inventa e copia. A seleção de suas escolhas e construção de sua dignidade. É na escola que se escreve o futuro, que se planeja a vida. A escola é canal de passagem entre uma vida dependente e a liberdade. É onde se obedece e desobedece, cumprindo e quebrando regras. É onde a sociedade pode atuar para trabalhar esses fatores, através dos docentes e colaboradores internos.

A escola é diretamente dependente da cultura<sup>1</sup> e momento histórico ao qual se passa a sociedade. Pode preservar conceitos e atitudes que não fazem mais sentido ou inovar com formas e fórmulas que tracem o futuro da humanidade. NEIRA e NUNES (2006:34-35) apresentam o pensamento de BOAS<sup>2</sup> : *“toda cultura atua em relação a um local e espaço de tempo determinado, como também ao seu contexto sócio-histórico”*. E a escola no

---

<sup>1</sup> *Cultura*: 1. Ato, efeito ou modo de cultivar. 2. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade; civilização. (FERREIRA, Aurélio B. de II.; Mini-dicionário da Língua Portuguesa, 2ª ed, Ed. Nova Fronteira)

<sup>2</sup> Franz BOAS, nascido em 1858 na Alemanha, é considerado o pai da Antropologia moderna.

Brasil é rica devido à tamanha diversidade cultural, acolhendo crianças e adolescentes advindos das mais distantes cidades, estados, países, etnias, raças e línguas, mesmo dentro da própria cidade, como São Paulo por exemplo, que tem bairros tipicamente estrangeiros, como a “japonesa” Liberdade e a “italiana” Mooca.

Relembrando BOAS, a cultura também leva em conta os fatores “*sócio-históricos*”, e a história da educação física<sup>3</sup>, conforme CASTELLANI FILHO (1994), se confunde em muitos momentos com a história dos militares. Esse acaba sendo o grande entrave da educação física escolar em seu processo de atualização com o momento atual. Partindo-se do conceito que tal grupo tinha da área, o propósito da atividade física era preparar soldados, formar combatentes, treinar para batalhas, o que definitivamente não segue a linha da Escola Cidadã<sup>4</sup>. Mas o poder da cultura militar foi tão grande e há tão pouco tempo que as atitudes de alguns professores de educação física em muitas escolas brasileiras não foram renovadas.

A Educação Física busca inserir-se na escola como disciplina fundamental à formação do cidadão, contribuindo para a autonomia e construção democrática da sociedade. Para isso, várias teorias aparecem

---

<sup>3</sup> Página 28

<sup>4</sup> Página 19

apontando para caminhos diferentes, umas não levando em conta os aspectos culturais e históricos, outras avançando progressivamente rumo ao objetivo.

As aulas militaristas ainda estão em moda e, mais que meras aulas, tornaram-se padrões de qualidade e passaram a ditar o ritmo da educação física escolar. Os melhores professores passaram a ser os piores educadores, restringindo-se a aulas supérfluas, na maioria das vezes limitando-se a entregar uma bola e apitar os jogos. O próprio documento do MEC, PCN + <sup>5</sup>, traz em sua introdução, escrita por DARIDO, a triste realidade:

*“...as aulas de Educação Física costumam repetir os programas do ensino fundamental, resumindo-se às práticas dos fundamentos de alguns esportes e à execução dos gestos técnicos esportivos.*

*É como se a educação física se restringisse a isto.”*

A autonomia e liberdade para construir o conhecimento não são vistas como tangíveis, produzindo uma disciplina regrada, manipulada e padronizada, em aulas diretivas, sem possibilidades de sair das normas e bases estipuladas.

Paulo Freire (1996:47) afirma que *“ensinar não é transferir conhecimento , mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua*

---

<sup>5</sup> DARIDO, S; PCN+ Parâmetro Curricular Nacional para Ensino Médio - textos complementares.

*construção*”, diferentemente do que vemos nas aulas de educação física. A busca pelo modelo perfeito de movimento, o “*é assim que se faz!*”, a demonstração exata e a cobrança para que se atinja tal “*conhecimento vão*” é realidade na maioria das aulas.

A Escola Cidadã é o caminho oculto da educação física. É uma escola pensada há algum tempo e que se mantém viva, que segue a necessidade atual, que cumpre seu verdadeiro papel: formadora de cidadãos<sup>6</sup>. É uma escola que vai sendo colocada em prática e vai transformando as comunidades que a vivem<sup>7</sup>. Afinal, a Escola Cidadã traz vida não só ao conjunto educandos-educadores, mas a toda comunidade, a toda sociedade e, por fim, modifica a história que seria escrita por esses cidadãos que a vivem. A formação de bons alunos é trocada pela formação de uma boa comunidade, conjuntamente, coletivamente.

E como a educação física, que tem boas condições para uma formação coletiva, insiste em formar um sujeito individual, competitivo, excludente e fechado para a sociedade?

---

<sup>6</sup> ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 1990, Cap. IV, art. 53.

<sup>7</sup> GADOTTI, cita, em “ESCOLA CIDADÃ – Educação para e pela cidadania”, alguns exemplos de localidades brasileiras que aplicaram o conceito de Escola Cidadã e foram bem sucedidos. Entre esses exemplos estão o Estado do Paraná, Porto Alegre (RS), Belo Horizonte (MG), Natal (RN), Chapecó (SC), Diadema (SP), Santo André (SP), Franca (SP), Icapuí (CE) e Belém (PA).

A sintonia que a Escola Cidadã tem com as disciplinas, respeitando suas individualidades para formar uma rede interdisciplinar, se faz fundamental para o momento atual da educação física escolar, que esquecera a sociedade para discutir seu programa, gerando uma discussão interna sem abertura, sem solução. Abordagens surgem sem respaldo e sem convicção de seu real papel na escola. Mas o problema se torna explícito quando vemos para qual escola as teorias são escritas. A escolha errada da escola é que torna a disciplina perdida.

Pensando no modelo de Escola Cidadã, em que Paulo Freire e Moacir Gadotti discutiram e difundiram, encontramos a escola que vive, que não morreu diante de tanto conteúdo vazio, e que segue como a Escola da sociedade, a escola formadora de cidadãos. É nessa escola que me respaldo para incluir a educação física e discutir os aspectos envolvidos.

## 2. TEORIAS PARA UMA ESCOLA. MAS QUAL ESCOLA?

A questão apresentada no título deste capítulo expõe uma dificuldade para educandos e educadores do século XXI: existe a escola perfeita? Teorias não faltam, tampouco experiências. Mas que teorias e experiências queremos para “A ESCOLA”? Para aquela escola sonhada, desejada e buscada por todos? É uma resposta difícil, subjetiva e, principalmente, individual. A escola perfeita para um, é uma escola desigual para os outros. Por isso, a questão deve permanecer aberta para todos, a qualquer tempo, instigando a autonomia para a escolha.

Sobre as pedagogias e experiências presentes nas escolas, podemos encontrar de várias naturezas. Desde a doutrinadora, que apresenta uma enxurrada de informações para que o educando absorva, incluindo as “façanhas” de decorar fórmulas, tabelas, tabuadas e palavras, até os modelos Construtivistas, mais preocupadas em formar o conhecimento. As conservadoras, normalmente religiosas, se empenham em seguir e “lei do cabresto”, sendo muito rígidas com a questão disciplinar. Nenhuma delas, no

entanto, agradam plenamente pedagogos e educadores, muito menos educandos<sup>8</sup>.

Difícil também é afirmar qual a pedagogia preponderante atualmente nas escolas. Entre as particulares, a tendência do modelo administrativo em tratar os alunos como clientes já começa atingir a sala de aula. A preocupação, sobretudo, é mostrar para o mercado as aptidões que puderam ensinar. Com as escolas públicas, o fato de serem submissas a um órgão maior, as Secretarias de Educação, torna o leque menos vasto, mas ainda encontramos diferenciações significativas nos modelos trabalhados. Os PCN's trouxeram alguma luz às escolas que estavam desnorteadas, mas não conseguem a abrangência sonhada.

A educação física tenta, em alguns casos, acompanhar o projeto pedagógico da escola. Em outros casos trilha seu próprio caminho, isolando-se das demais disciplinas e, conseqüentemente, não tendo abertura em reuniões de conselhos, de pais, de professores e montagem dos projetos pedagógicos. Basicamente, sua inserção depende muito do profissional que a leciona, e não é incomum verificar experiências de sucesso nas escolas em que a educação física está na conjuntura da escola, participando ativamente de qualquer decisão do grupo.

---

<sup>8</sup> Em anexo, música "Estudo Errado", de Gabriel O Pensador.

## 2.1 As Escolas do Brasil

No Brasil, a predominância das escolas públicas sobre as particulares é dada apenas pela quantidade de matrículas e de prédios. Comparando-se a qualidade do ensino entre elas não há dúvida de quão foi tratada e cuidada nossas escolas municipais, estaduais e federais. A diferença desmedida é evidenciada na política de cotas para as Universidades públicas. O déficit do ensino público em nosso país, especificamente no ensino fundamental e médio, restringe as vagas públicas a alunos “privados” no ensino superior. Não há como comparar, no sistema de vestibular atual, alunos advindos das duas esferas escolares, sendo necessária a reserva de vagas aos mais carentes. E não é questão de omissão por parte dos alunos. Não há como avaliar o conhecimento que não foi estimulado.

A decadência de nossa base educacional caminha paralelamente à maior procura pelas escolas. Dados do MEC/Inep/Sec<sup>9</sup> apontam que, entre os anos de 1975 e 2001, as matrículas no ensino fundamental em escolas municipais aumentaram 189,1%, em estaduais 36,4 % e entre as escolas particulares 27%. Esses números são alcançados devido a vários fatores como a diminuição quase que plena do oferecimento de vagas em escolas federais (caiu 77,6%

---

<sup>9</sup> Vide os sites: [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br) e [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)



nesse período), o aumento da população e, como fator preponderante, a conscientização da população acerca da importância da escola na formação do cidadão. Os dados para o ensino médio não são muito diferentes: entre os anos de 1971 e 2000, o número de matrículas em escolas estaduais cresceu cerca de 12 vezes, nas municipais 5 vezes, e nas escolas particulares e federais 2 vezes.

A afirmação de que a conscientização da população sobre a importância da educação vem aumentando pode ser incoerente quando analisamos os mais recentes dados publicados pelo MEC/INEP: a cada 100 crianças que iniciam a quarta série do Ensino Fundamental no Brasil, 77 passam de ano, 16 repetem e 7 desistem dos estudos. Dessas mesmas 100 crianças, apenas 54 concluem a oitava série do Ensino Fundamental, e 31 chegam a concluir o Ensino Médio. Números baixos para um país que sonha em ser grande.

### 2.1.1 Exemplos Reais

Exceções no sistema público de ensino existem. Em Pernambuco, o Ginásio Pernambucano, uma das escolas mais antigas e tradicionais do país, reinaugurada em 2004 como um Centro de Ensino Experimental (CEE), apresenta jubilosamente os recentes dados. Nos 13 CEE's, a taxa de evasão é de

2,2% e a repetência, 2,3%, ante as médias de 17% e 9% na rede estadual de Pernambuco, segundo a Secretaria da Educação<sup>10</sup>. Na prática, atendimento ao aluno em tempo integral, treinamento e elevação dos salários dos professores, aperfeiçoamento da gestão e integração comunitária.

Em São Paulo, algumas escolas públicas tentam atingir a mesma eficiência. A Escola Estadual Amorim Lima, na zona oeste da cidade, investiu na base e mandou parte de seu corpo docente para uma experiência na Escola da Ponte, em Portugal. Na volta, mudanças completas na vida escolar, iniciando-se com a elaboração do seu Projeto Político Pedagógico (PPP), mais discutido no decorrer deste trabalho<sup>11</sup>. A abertura à comunidade e autonomia dos alunos e professores permite um ensino amplo, completo e condizente com a realidade em que vivem. Números ainda não foram divulgados, mas a mudança agradou a quem participa do dia-a-dia escolar.

### 2.1.2 Aprender com os erros

O problema vai além da conscientização da população, chegando a um conjunto “pedago-sócio-cultural” que atinge todas as esferas da instituição

---

<sup>10</sup> Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO, 24 de setembro de 2006. Caderno Vida &, p. A39.

<sup>11</sup> Página 23

“escola”. A escola é feita por homens e mulheres, de diversas raças, de diversas culturas, de variadas formações e com inúmeros objetivos. O fato de trilhar um caminho único seguindo cartilhas, parâmetros curriculares, receitas ou qualquer livro que ignore a diversidade cultural e negue a autonomia às escolas, é inviável para um país com as dimensões do Brasil por diversos fatores, como espaço físico, população atendida e renda média da comunidade, entre tantos outros.

Em seu estudo, PATTO (1996) relata alguns casos de “fracasso escolar” advindos de variados motivos, dentre os quais se destacam as condições sociais, o despreparo de educadores, a falta de um projeto bem elaborado dentro da escola e a cultura de submissão. Em um dos casos citados pela autora, fica claro o confronto da consciência versus o futuro pré-determinado que vem de berço, ditado pela falta de condição financeira e marginalização social da família:

*“Ângela defrontou-se com o preconceito, a discriminação, o estigma e um ensino de má qualidade, o que inegavelmente a leva a evitar a escola e a aprendizagem escolar e a dar impressão de que “não tem amor à escola”... por não ter amor na escola, não pode ter amor à escola.” (PATTO,1996).*

E a educação é um ato de amor, como afirma Paulo Freire<sup>12</sup>.

### 2.1.3 Aprender com o outro

HARRIS, J.R. descreve, de acordo com a teoria da socialização do grupo<sup>13</sup>, um fenômeno freqüente nas escolas. *“Uma grande escola pública pode servir a muitos bairros diferentes, e esses bairros podem ter culturas diferentes. Os moradores desses bairros podem falar com sotaques diferentes e ter idéias diferentes sobre como administrar um lar, comportar-se em público, levar a vida”* (Diga-me com quem anda..., 1998 : 326). A autora ilustra a afirmação com a história de Miguel, que vive em San Andrés e estuda em La Paz, aldeias mexicanas caracterizadas, a primeira pela violência e a segunda pela tranqüilidade e sossego. *“Talvez você esteja pensando que Miguel se torne o terror do recreio (...) mas admitindo que ele seja uma espécie de menino típico, o que vai acontecer (segundo a teoria da socialização do grupo) é que ele vai aprender a se comportar como os garotos de La Paz enquanto estiver na escola. Isso ocorre por ele ser o único que vem de San Andrés (...). Se Miguel vai e volta da sua aldeia para a escola*

<sup>12</sup> Educação com Prática da Liberdade, p. 104

<sup>13</sup> De acordo com a Teoria da Socialização do Grupo, a formação cultural das pessoas está diretamente relacionada ao grupo em que elas estão inseridas, tendo muita influência das pessoas com as quais convive na escola, trabalho, roda de amigos, entre outros.

*e tem outros amigos em casa, ele vai se tornar bicultural (...), mas se todos os amigos dele são de La Paz, vai perder a cultura de sua aldeia natal*” (HARRIS, 1998: 327). Portanto, a escola de uma cidade hipotética Z deve respeitar e ser instrumento cultural da comunidade onde se encontra, pois sua função de formadora vai além das disciplinas e conteúdos. Mesmo que cidadãos da cidade X venham a ela, a cultura que transparece é a da cidade Z, transmitida e difundida pelos alunos e corpo escolar.

O processo educativo é feito por fatores que nem sempre são mensuráveis. Não há como avaliar, por exemplo, o quanto se aprendeu numa aula e o quanto se aprendeu nos diálogos com os amigos. O diálogo é um dos mais fortes instrumentos pedagógicos e que Paulo Freire muito ensinou:

*“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (...) Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. (...) Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade.”<sup>14</sup>*

Mas o diálogo não pode ser misturado com a opressão de quem não sabe escutar. E muitas escolas pecam neste quesito, não dando ouvidos à comunidade, aos alunos, pais, docentes e até funcionários. O diretor se reveste

---

<sup>14</sup> Pedagogia do Oprimido, p.78 – 80.

de sua coroa e assume o trono da majestade, não abrindo espaço para opiniões, críticas ou idéias.

*“O diálogo (...) se rompe se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade.*

*Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? (...) A auto suficiência é incompatível com o diálogo”<sup>15</sup>*

## 2.2 A Educação Física e seu foco indefinido

Abordagens e metodologias para a aplicação da educação física na escola passaram a surgir à medida que os antigos objetivos perderam o sentido. Concepções variadas trazem à tona o problema atual da disciplina: a falta de um rumo. Isso resulta numa acomodação por parte de professores que, na falta de um caminho, seguem o que eles próprios vivenciaram, ou seja, voltamos aos tempos de militarismo e eugenismo<sup>16</sup> da educação física<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Pedagogia do Oprimido, p. 80-81.

<sup>16</sup> O movimento eugenista que se articula no Brasil a partir da década de 20, com a criação, em 1919, da "Sociedade Eugênica", possuía duas dimensões, no dizer de seus defensores. De um lado, a ciência eugênica, fundada numa biologia incipiente, indiretamente inspirada em Darwin. As raças humanas estariam submetidas ao processo de seleção natural e as mais fortes revelariam seu grau de desenvolvimento através do nível de evolução tecnológica e cultural. A segunda estabelecia que a condição para o progresso da nação era o aprimoramento racial de sua população através do eugenismo. Este é tomado como formulação de uma política que irá buscar instituir práticas de purificação racial, redentoras da nação. (<http://www.scielo.br>)

<sup>17</sup> História da educação física, p. 28

As práticas atuais se perdem diante de metas não estipuladas. Começamos a viagem sem saber aonde chegaremos. Com isso, aulas diretivas e descontextualizadas fazem a imagem da educação física escolar. *“Em geral, os professores de educação física sentem-se inseguros para desenvolver temas que fogem dos aspectos ligados aos esportes tradicionais e ao ensino de suas técnicas”* (PCN+, 2002 : 155). Vez ou outra se escuta falar de projetos que envolvam a escola e a comunidade. E esse tipo de tratamento para a disciplina já está institucionalizado pelos alunos. Eles esperam isso e cobram daqueles educadores que fazem diferente.

### 2.2.1 A Educação Física Competitiva

Elementos históricos comprovam a tendência em relacionar a educação física a disputas e competições, limitando as aulas a treinos exaustivos de categorias esportivas e repetições de fundamentos particulares a cada modalidade. A literatura da disciplina apresenta fórmulas prontas de aulas modelos, com aquecimento, alongamento e treinamento esportivo. E essa foi a base de ensino e função específica da educação física por anos. Nela, a separação entre habilidosos e não-habilidosos se torna inevitável. A exclusão

dentro de uma classe é apenas um dos fatores negativos a essa prática pedagógica.

A utilização de modalidades esportivas numa aula de educação física deve ser vista e pensada como um forte aparato e metodologia para se alcançar certos objetivos. O esporte carrega consigo elementos ricos, acessíveis e prazerosos de serem utilizados. Ricos na medida que não é restrito a poucas formas de uso, levando-se em consideração a quantidade de esportes praticados em nossa sociedade e no mundo, sem contar suas ramificações. Com ou sem movimento, utilizando diferentes membros, materiais diversos, espaços com medidas oficiais ou adaptados, individualmente ou em grupo, as práticas esportivas alcançam uma variação que poderia ser usufruída em toda a passagem escolar sem que se repita um dia sequer a dinâmica. Paralelamente com aspectos motores, os cognitivos são estimulados na medida em que o esporte possibilita a formação de equipes, com a invenção de táticas e maneiras de se alcançar o objetivo, cooperação e competição com diferentes ênfases, regida por regras – modificando-as quando necessário –, pontuação, limites e respeito. Enfim, a riqueza por dentro dessas práticas, viabiliza a utilização para quaisquer outras formas que não seja a mera repetição de movimentos ou o pobre estímulo da competição – argumento utilizado em



muitas vezes para que a aula tenha sua importância e alcance um envolvimento pleno da maior parte dos alunos.

### 2.2.2 Exclusão e Participação

A acessibilidade é vista na medida em que não há exclusão. A dinâmica utilizada, quando bem planejada, é capaz de interagir habilitados, não-habilitados, deficientes físicos, deficientes mentais, sem restrição por gênero, cultura, cor de pele, cor dos olhos, altura, peso ou qualquer diferença física, cognitiva ou social que possa haver. Atualmente, as escolas passam por diversas adaptações quanto à acessibilidade, mas os educadores já devem – ou deveriam – chegar às escolas preparados para gerar essa comunhão entre todos. Não pode haver atividade que não contemple a totalidade dos alunos. A escola jamais deve favorecer qualquer tipo de privilégio a alguns, ocasionando a exclusão de outros. O tratamento uniforme deve transparecer em qualquer atitude do educador e servir de exemplo para que assim seja o educando dentro da sociedade. É formando uma escola igual que lutamos contra as desigualdades da sociedade.

Aulas dinâmicas, que induzem os educandos a produzirem o conhecimento, desvendarem soluções e interagirem para a troca de idéias são prazerosas em si. Aulas com movimento corporal, esportes e atividades com materiais tornam-se prazerosas pelos desafios colocados pelo educador, seja vencer um jogo, alcançar um objetivo, realizar certo movimento ou simplesmente explorar o material pouco utilizado. A discussão daquele assunto pouco tratado na sociedade, o movimento daquela dança que é difícil de se fazer, o ponto no esporte e o tapa numa simples peteca – tão pouco utilizada hoje em dia – faz da aula um aprendizado eficaz. Mais ainda quando tudo gira em torno de algo palpável fora da escola. Não precisamos aprender a arremessar certo uma bola de basquete, mas se esse arremesso abrir margem à discussão de como esse esporte surgiu<sup>18</sup>, destacando a criatividade e necessidade de se improvisar diante de situações cotidianas, faz com que, por menor que seja a força em arremessar e a precisão em direcionar, o educando sinta prazer por experimentar o arremesso, surpreendendo-se, certamente, pelo histórico do jogo.

---

<sup>18</sup> Em 1891, o longo e rigoroso inverno de Massachussets tornara impossível a prática de esporte ao ar livre. Foi então que o professor canadense James Naismith, de 30 anos, aceitou uma missão: pensar em algum tipo de jogo sem violência que estimulasse seus alunos durante o inverno, mas que pudesse também ser praticado no verão, em áreas abertas. Ele escreveu rapidamente as primeiras regras do esporte e as levou para a aula, afixando-as num dos quadros de aviso do ginásio. Comunicou a seus alunos que tinha um novo jogo e se pôs a explicar as instruções e organizar as equipes. Era o início do primeiro jogo de basquete. (<http://www.basquetemundi.hpg.ig.com.br/historia.htm>)

### 3. A ESCOLA CIDADÃ

A prática educativa é discutida há séculos por pensadores, filósofos, professores, políticos e cidadãos de um modo geral. Desde Sócrates (469-399 a.C.), que defendia o diálogo e o contato direto como método educativo e formou o conceito de liberdade – *“livre é o homem que não se deixa escravizar pelos próprios apetites e segue os princípios que, por intermédio da educação, afloram de seu interior”*<sup>19</sup> –, vários conceitos e teorias pedagógicas foram experimentados.

Platão (427–347 a.C.), também considerado o primeiro pedagogo, idealizou a escola pública para meninos e meninas e apostava numa combinação de ginástica e música para sua complementação. Depois, contribuições significantes à educação foram deixadas por nomes como Aristóteles (384-322 a.C.), Santo Agostinho (354-430), Tomás de Aquino (1224-1274), Erasmo de Roterdã (1469-1536), René Descartes (1596-1650), Rousseau (1712-1778), Karl Marx (1818-1883), Vygotsky (1896-1934), Jean Piaget (1896-1980), Hannah Arendt (1906-1975), Foucault (1926-1984) e os

---

<sup>19</sup> *Grandes Pensadores, Revista NOVA ESCOLA, ed especial n. 10, vol. 2, Fundação Victor Civita.*

brasileiros Florestan Fernandes (1920-1995), Darcy Ribeiro (1922-1997) e Paulo Freire (1921-1997).

Com um exemplo vivo de luta, dedicação e muitos ensinamentos, Paulo Freire tornou-se ícone da autonomia escolar. O conceito de Escola Cidadã, hoje difundido por todo o Brasil e países latinos, principalmente pelo Instituto Paulo Freire, foi precedido por obras como *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *Educação e Mudança*. O foco de Freire sempre foi a educação libertadora, que aproxima educandos e educadores, que não discrimina ninguém pelo grau de conhecimento, sendo a educação um processo permanente e contínuo. A individualidade e autonomia, tanto para o sujeito como para a instituição, torna a escola uma ramificação da comunidade, ou melhor, a BASE da comunidade.

A Escola Cidadã – termo de Bordignon, 1989 - segue esses princípios. Preocupada não em formar, mas em permitir a formação dos cidadãos, ela deve ser “*uma escola pública universal – igual para todos, unificada – mas que respeite as diferenças locais, regionais, enfim, a multiculturalidade*” (GADOTTI, 2003).

Segundo GADOTTI (2003: 56-57), há um decálogo no conceito de Escola Cidadã. Apesar de ser, como lembra o autor, um projeto de “criação

histórica”, ela deve ser: 1) *democrática* em sua gestão, acesso e permanência de todos, além de ter um caráter social comunitário; 2) *independente* de órgãos intermediários, passando de mera executora a autônoma; 3) *profissional*, respeitando e valorizando os professores, com seus direitos e dedicação exclusiva; 4) *libertária*, não se aprisionando aos padrões e valorizando iniciativas e projetos; 5) *curiosa*, produzindo conhecimento de forma criativa, não mecânica, espontânea e inconformada; 6) *disciplinada*, que vem da especificidade da escola; 7) *aberta*, unindo-se ao mundo exterior pelos espaços sociais e atividades humanas; 8) *conflitante*, provocando pequenas e contínuas ações de forma direta em toda a escola; 9) *única*, valorizando-se com o desenvolvimento de suas contradições; e 10) *autônoma*, podendo organizar seu trabalho da forma mais pertinente a ela mesma.

O decálogo engloba aspectos fundamentais para uma escola, apesar de ser pouco praticado. A democracia na escola deve ser buscada e feita pela comunidade. “Na gestão democrática pais, mães, alunas, alunos, professores e funcionários assumem sua parte de responsabilidade pelo projeto da escola” (GADOTTI, 2004:35). Não é um papel de fiscalização, mas sim de participação. É uma democracia que não começa pela diretoria da escola, apesar de ser importante nesse processo, mas deve partir de todo âmbito

comunitário, com moradores da região reivindicando melhorias que talvez não façam diferença ao professor; merendeira discutindo pontos que não interessam aos alunos; enfim, o conjunto formará uma comunidade envolvida e “dona” da escola, passando a tratá-la não como benefício ou obrigação do Governo, mas como obra construída para o próprio bem.

### 3.1 Autonomia da Escola Cidadã

A autonomia da escola é, segundo GADOTTI (2004), uma resposta à ineficiência da burocratização do sistema de ensino. O que antes era gerido pelo Estado, passa a ser de responsabilidade da própria comunidade, que é quem gerencia e está a par das reais necessidades da escola, sanando problemas como a profissionalização dos professores, que são pagos por certa quantidade de horas na escola, quando na verdade precisam planejar suas aulas, corrigir trabalhos e provas, atualizar-se e pesquisar assuntos novos em seus horários de descanso e convívio familiar. O desgaste psicológico e físico é iminente com uma rotina desse tipo. É certamente um dos problemas a serem expostos e discutidos pela comunidade.

A curiosidade leva à libertação dos padrões de ensino. Quando bem trabalhado, o projeto político-pedagógico abre um leque de opções para o professor, livrando-os do ostracismo dos mesmos conteúdos ensinados há anos da mesma forma, com as mesmas técnicas diretivas e que talvez nem faça mais sentido às novas gerações.

### 3.2 Projeto Político-Pedagógico

Toda a autonomia que é citada depende muito do tal “Projeto Político-Pedagógico”. Esse é um dos pilares da Escola Cidadã. Um projeto elaborado pela comunidade, tratando de aspectos pedagógicos e com um caminho político pré-estabelecido. GADOTTI (2004) enfatiza que *“não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo”*. A escolha pelo futuro da escola é a escolha por qual caminho o projeto seguirá, influenciando inclusive a eleição para diretor, já que *“o que se está elegendo é um projeto para a escola”* (GADOTTI, 2004:34).

No Guia da Escola Cidadã, elaborado pelo Instituto Paulo Freire e organizado por GADOTTI e ROMÃO, vários aspectos são expostos como importantes na elaboração do Projeto Político-Pedagógico, tais como a

ousadia de seus agentes em iniciar o processo de mudança da situação em que se encontra a escola; a ruptura com o presente; as promessas para o futuro; o desenvolvimento de uma consciência crítica; o envolvimento das pessoas; a cooperação das várias esferas do governo; a autonomia, responsabilidade e criatividade como processo e produto do projeto; a comunicação eficiente; a adesão voluntária e consciente; a definição clara dos recursos; conhecimento e credibilidade dos dirigentes; o acompanhamento e avaliação do projeto; o referencial teórico; e até a “mística” de um ambiente favorável.

#### 4. EDUCAÇÃO FÍSICA CIDADÃ

Algumas práticas raras na educação física atual demonstram que é possível educar para a cidadania com algumas mudanças de conteúdo ou simplesmente pela metodologia adotada. NEIRA, em seu trabalho apresentado no Terceiro Congresso Científico Latino- Americano de Educação Física da UNIMEP, é enfático ao dizer que *“a concretização de uma proposta educacional que proporcione a formação para a vida cidadã é uma tarefa com a qual a Educação Física poderá contribuir concretamente”* (NEIRA, 2004), expondo também as técnicas utilizadas no trabalho.

Basicamente, a oportunidade de deixar com que o aluno chegue às soluções, dando-lhe autonomia para decidir e, se preciso, inventar formas de



atingir certas metas é o ponto chave. As dinâmicas variadas estimulam e diversificam as maneiras de adquirirem o conhecimento, mesmo que demorem mais para isso. *“O caminho para chegar ao êxito na solução de uma atividade pelo método diretivo poderia ser mais curto, mas a maior contribuição à formação de cidadãos, verificamos, foi a descoberta, a construção do próprio caminho através da elaboração, experimentação de hipóteses e revisão de resultados pelo incitamento de uma postura investigativa”* (NEIRA, 2004).

O esporte deve ter sua participação nesse processo, mas de forma muito diferente da utilizada hoje em dia. A disputa passa a fazer parte de um outro momento, fora da aula. A competição pode existir, mas a obrigação de vencer não pode ser foco. Antagonicamente, a vitória e derrota não trazem benefícios às crianças. É falso pensar na hipótese de que o trabalho feito com crianças, através da competição, traz o aprendizado essencial para a vida, de que *“na vida se ganha e se perde e devemos aprender cedo a lidar com isso”*, jargão presente na boca da maior parte dos professores de educação física.

Experiências pessoais com educação pré-escolar demonstram que a frustração da derrota é traumatizante em alguns casos. Surge então, não aquele possível aprendizado para a vida, mas a relação opressores / oprimidos. E isso é função da escola? Chegar em certa aula e separar os “bons” dos “ruins”, os “melhores” dos “piores”, os “vencedores” dos “perdedores”?

Relacionando os ensinamentos de Paulo Freire, que tanto lutou para que o povo saísse da condição de oprimidos e conquistassem seus direitos de cidadãos livres e autônomos, à educação física escolar, cito o trecho fiel aos princípios da Escola Cidadã: *“a práxis é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transforma-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos”* (Pedagogia do Oprimido, 1970: 38). E a dinâmica

educativa deve ser assim, numa prática cidadã que não evidencie as opressões e que oportunize métodos da prática esportiva sem que destrua todo o conteúdo libertador e autônomo que há de ser trabalhada.

Tendo-se por princípio que não há competição nas atividades física escolares, faz-se desnecessário, portanto, a presença de professores-árbitros. A prática como aprendizagem não pode impor regras. A diversificação dos movimentos, gestos, atitudes, idéias e comportamentos são fundamentais para uma aprendizagem ampla. O diferente não pode ser censurado, mas trabalhado, estudado e debatido entre educandos e educadores. Se certo gesto não combina, ou gera risco de acidentes, por exemplo, deve ser motivo de discussão entre todos, não cortando pela raiz a criatividade intrínseca em cada ser humano.

*“Uma Educação Física cidadã, observamos, não se limita a simplesmente apresentar e executar atividades motoras lúdicas ou esportivas”* (NEIRA, 2004), ela precisa ter um sentido embutido na realidade da comunidade, na vida do educando.

Alunos do noturno, por exemplo, seja do Ensino Fundamental ou Médio, são privados das aulas de educação física, que acontecem exclusivamente nas manhãs e tardes. Mas por quê se extinguir a disciplina a tais alunos? Dentre inúmeras respostas a que parece mais freqüente, para a tristeza da educação, é que as quadras não possuem iluminação. A tendência de se utilizar a quadra é fruto da prática constante e histórica da educação física, que só pode ser mudada com o engajamento e vontade dos profissionais da área. Discussões e assuntos a serem tratados são muitos, diferentemente da vontade e disposição para brigar por esse direito do aluno. Esse é um ponto que comprova a introdução do presente trabalho, de que *“a Educação Física,*

que faz parte dessa escola, busca encontrar seu caminho", numa luta sem soldados, numa busca que não é buscada pela maioria.

#### 4.1 Educação Física como agente interdisciplinar

Para que a Educação Física seja Cidadã, é preciso saber trabalhar com outras disciplinas, participando da rede interdisciplinar. Algumas escolas adotam a educação física como maior colaborador no ensino de diversos conteúdos. A matemática recorre à análise e montagem de tabelas de campeonatos, com número de pontos, estatísticas de jogos e porcentagem de faltas. A história tem um acervo rico quanto à relação do homem com o corpo no decorrer dos séculos, o advento dos esportes modernos e seus antecessores, as Olimpíadas, Copas do Mundo, e importância dos esportes nas guerras, disputas políticas e evolução tecnológica. A física pode calcular a velocidade dos atletas, chutes e arremessos, ou mesmo analisar relação peso x distância na utilização de materiais de diferentes massas; a química analisar as reações de drogas no organismo; dentre diversas contribuições mútuas entre as disciplinas. Se bem planejado, é possível inclusive elaborar projetos comuns com todas as outras disciplinas, contribuindo para o entendimento pleno dos conteúdos.

A participação de profissionais da educação física na elaboração do Projeto Político-Pedagógico, assim como os outros educadores, faz-se essencial. Mas deve ter a consciência e responsabilidade de realmente incluir a disciplina que leciona no conteúdo do documento, esclarecendo as reais funções dentro da escola e no processo de formação dos cidadãos. Cabe aos atuais profissionais – e enfatizo o termo propositadamente – embutirem a

educação física em seu caminho, participando de maneira diferente à atual do processo pedagógico, fazendo presença em reuniões de conselho, de pais, nas decisões democráticas e elaboração dos projetos interdisciplinares e Político-Pedagógicos da escola. Só assim é possível vivenciar uma Educação Física Cidadã.

## 5. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM BREVE HISTÓRICO

O embrião da primeira escola especializada em educação física do Brasil nasceu em 1907, trazido por uma missão militar francesa. Em 1922, a fundação do Centro Militar de Educação Física, *“cujo objetivo enunciado em seu artigo primeiro era o de dirigir, coordenar e difundir o novo método da educação física e suas aplicações desportivas”* (CASTELLANI FILHO, 1994: 34), ratifica o elo, passando a ser formador dos primeiros professores civis da disciplina.

As influências militares e médicas fizeram com que a educação física, desde o século XIX, não criasse personalidade própria. A divisão entre gêneros, reforçando os estereótipos comportamentais masculinos e femininos, foi revigorada. O corpo foi relacionado com o patriotismo, e criou-se uma linha de adestramento físico com os princípios de Segurança Nacional. E aos

poucos, a discussão sobre um período de ginástica dentro da escola foi aparecendo.

### 5.1 Criação do “Corpo Ideal”

A partir do momento que a “pedagogia médica” definiu o corpo ideal – saudável, robusto e substancial -, as diferenças anatômicas foram fatores de discriminação e preconceito sobre aqueles que estavam fora dos padrões. E a educação física teve papel de substancial importância na formação deste corpo, “eleito representante de uma classe e de uma raça” (CASTELLANI FILHO, 1994: 38-44).

Foi nas reformas educacionais da década de 1920 que a educação física passou a integrar o currículo escolar. Concomitantemente, outra disciplina fazia papel complementar: a Educação Moral e Cívica. CASTELLANI FILHO cita outro autor, LENHARO, o qual afirma que “... *os problemas de segurança e defesa da Pátria exigiam a colaboração civil, através do esporte, para o trabalho organizador e a ação preparatória das casernas. Essa política esportiva nos garantia o cuidar de nossas imensas reservas vivas*” (CASTELLANI FILHO 1994: 87).

Em 1969, em pleno período de ditadura militar, a educação física tornou-se obrigatória em todos os níveis e ramos da escolarização, desde ensino fundamental, passando pelas escolas técnicas e ensino médio, chegando ao ensino superior, ainda trilhando caminhos paralelos à Educação Moral e Cívica. Os objetivos da educação física, até meados da década de 1980 eram claros e explicitados em leis, artigos e práticas. Mas com o fim da ditadura militar, a sociedade como um todo passou por processo de democratização e liberdade. A educação não ficou sem suas mudanças. O caráter da educação física foi desconfigurado e seus objetivos ficaram à mercê das novas teorias, que nem sempre levavam em conta fatores importantes, como a cultura, sociedade, momento histórico, tendências da educação e momentos políticos.

## 6. CONCLUSÕES

A educação no Brasil precisa de grandes mudanças metodológicas. O sistema de ensino está largado pelas autoridades, que diminuem progressivamente as verbas destinadas a educação e não enxergam a ponta inicial do problema. Não bastam escrever parâmetros curriculares para que tudo seja salvo. Apesar dos PCN's terem auxiliado com o conteúdo programático das disciplinas, não pôde fazer nada com uma série de negligências por parte dos governantes. Eles esqueceram que antes do professor ministrar uma boa aula, planejada, estruturada e bem didática, os alunos precisam ser tratados como os grandes artistas da escola. São eles que devem formar comissões responsáveis por participar das decisões escolares, juntamente com a comunidade e com discentes. Eles devem ser estimulados a buscar o conhecimento, e não digeri-lo. Devem ser conscientizados da importância de uma educação para e pela cidadania.

O modelo de Escola Cidadã apresentado é a resposta para os céticos, que dizem ser impossível criar uma escola de qualidade para a grande massa da população, que seja pública e que enfoque a cidadania. A teoria já não está mais somente no papel, já existe, já funciona, já tem vida. E os locais que

aplicam tal modelo já comemoram os avanços, como citado no trabalho. Alguns pontos ainda são tabus a serem quebrados. A autonomia administrativa é uma das barreiras, que se mantém intacta graças aos velhos e problemáticos interesses pessoais. Mas a Escola Cidadã, por si mesma, pelos seus princípios e prática consegue desvincular o “um” e montar o “todos”. Com o projeto político-pedagógico as escolas tomarão seus caminhos, com sua linha política à frente, trazendo comunidade, docentes e discentes para os mesmo objetivos, fundamentados na cultura predominante regional. A Escola Cidadã nasceu como uma utopia e já é realidade.

A educação física escolar passa por problemas diferentes. A questão é simplesmente profissional. Acompanhar um semestre da disciplina em escola pública pode ser decepcionante. Infelizmente, as atitudes de comodismo e oportunismo dos profissionais da área, são muito vistas atualmente. Em um de meus estágios obrigatórios, pude acompanhar fatídicas aulas – se é que podemos chamar de aula – numa escola municipal da zona Oeste da cidade de São Paulo. A professora, por comodismo, não preparava aula. No exato momento em que as crianças chegavam ao pátio ela pegava uns materiais e aplicava “alguma coisa”, como ela mesmo nos disse. Se não tinha planejamento, muito menos conhecimento. Tudo se restringia aos tradicionais



esportes – eram aulas para o Ensino Fundamental I - <sup>20</sup> e tradicionais brincadeiras, como queimada, pega-pega, mãe da rua e coelhinho sai da toca. E os relatos dos outros estágios eram idênticos, com professores igualmente incapacitados a dar aulas. Precisamos de mudanças urgentes!

O modelo de Escola Cidadã é, de fato, o caminho a ser traçado pela educação física. Precisamos de modelos de trabalho, de participação atuante na comunidade, de iniciativas conjuntas e de um planejamento político-pedagógico que “ligue” os professores à importante função que escolheram. Com a Escola Cidadã, por mais que o comportamento oportunista do professor ainda predomine, ele não conseguirá ocultar tal atitude, já que projetos interdisciplinares trarão responsabilidades. Além disso a comunidade estará ao lado, cobrando quando for preciso e auxiliando no que for possível. As reações dos alunos também serão importantes. Acostumados a pensar e explorar os conhecimentos que de fato interessam a eles, certamente exigirão mais nas aulas da disciplina, que também será ministrada aos alunos do noturno, com tamanha quantidade de informação a ser explorada, discutida e debatida acerca da Cultura Corporal e práticas desportivas.

Por fim, espero que o projeto da Escola Cidadã seja disseminado entre todos os municípios do Brasil, e que a educação física esteja participando

---

<sup>20</sup> Antigas 1ª a 4ª séries.

conjuntamente com as outras disciplinas. Espero que a educação no Brasil dê um salto em qualidade e eficiência, sendo que tal julgamento seja feito por cada comunidade, cada estudante, cada cidadão. Que a educação física encare tais mudanças como um novo início, como se estivéssemos demolindo as antigas estruturas e levantando uma nova, mais moderna, mais promissora. Que a participação da Escola Cidadã diminua os índices de analfabetismo, de miséria, de fome e de exclusão da sociedade. Que a educação física acabe com as discriminações decorrentes de diferenças de cor da pele, de gênero, de raça, de crença, de status social e outros, com um debate profundo, pautado em dados científicos, morais, sociais e culturais, feito pelas próprias crianças e comunidade como um todo. E espero sobretudo que o educador Paulo Freire seja ouvido e que o AMOR passe a ser o fundamento de toda teoria, de todo projeto e de toda mudança. O AMOR entre os homens, o AMOR ao mundo, o AMOR ao possibilitar esse mesmo conhecimento de mundo à todos os seres humanos.

## BIBLIOGRAFIA

BORDIGNON, G.; OLIVEIRA S. M. de. *A escola cidadã: uma utopia municipalista*. Revista Educação Municipal. São Paulo: Cortez/ Undime/ Cead, n. 4, p. 5-13, maio 1989.

BRACHT, V. A Constituição das Teorias Pedagógicas da educação física. Caderno CEDES - Corpo e Educação. Campinas: CEDES, 1999.

BRASIL. *O Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8.069, de 13 de junho de 1990. Brasília: Diário Oficial da União de 16 de junho de 1990.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º ciclos – Educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil – A história que não se conta*. Coleção Corpo e motricidade, 4ª ed. Campinas: Papyrus, 1994.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do Professor. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. *Da Cultura do Corpo*. Campinas: Papirus, 1995.

DARIDO, S. C.; *PCN + Ensino Médio – Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Linguagens, códigos e suas tecnologias*, MEC. Brasília: SEMTEC, 2002.

FERREIRA, A. B. de H. *Minidicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1988.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 28ª ed, 1967.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª ed, 1970.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Coleção leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Escola Cidadã: uma aula sobre a autonomia da escola*.

São Paulo. CORTEZ, 1992.

\_\_\_\_\_. *Escola Cidadã. Questões de nossa época*. São Paulo: Cortez, 9<sup>o</sup> ed.,  
vol. 24.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas atuais da Educação*. Série Educação, teoria e crítica.  
Porto Alegre: Artimed, 2000.

GADOTTI, M.; GUTIÉRREZ, F. (Orgs.). *Educação comunitária e economia  
popular*. Questões de nossa época. São Paulo: Cortez, n. 25, 3<sup>a</sup> ed, 2001.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. *Autonomia da Escola: princípios e propostas*.  
Guia da Escola Cidadã. Instituto Paulo Freire. São Paulo: Cortez, n.1, 6<sup>a</sup>  
ed, 2004.

HARRIS, J. R. *Diga-me com quem anda...* Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

NEIRA, M. G. *A Inserção da Educação Física no Projeto Político-Pedagógico da Escola Municipal: uma pesquisa participante*. 3<sup>o</sup> Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física. Piracicaba: UNIMEP, 9 a 12 de junho de 2004.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F.; *Pedagogia da Cultura Corporal – crítica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2006.

NOVA ESCOLA, Revista. *Grandes Pensadores*. Ed. especial n. 10, vol. 2, Fundação Victor Civita. São Paulo: Ed. Abril, 2006.

OLIVEIRA, V. M. de (org.); JUNIOR, A. G. de F. (coord.). *Fundamentos Pedagógicos da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1987.

PATTO, M. H. S. *A Produção do Fracasso Escolar – histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1996.

SILVA, J. M. da; *A Autonomia da escola pública: a re-humanização da escola*. Coleção Práxis. Campinas: Papyrus, 5<sup>a</sup> ed, 1996.

## ANEXO I

**Estudo Errado<sup>21</sup>**

Composição: Gabriel, O Pensador

*Eu tô aqui Pra quê?**Será que é pra aprender?**Ou será que é pra aceitar, me acomodar e obedecer?**Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater**Sem recreio, de saco cheio porque eu não fiz o dever**A professora já tá de marcação porque sempre me pega**Disfarçando espiando colando toda prova dos colegas**E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo**E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo**Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude**Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"**Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi**Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde**Ou quem sabe aumentar minha mesada**Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)**Não. De mulher pelada**A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada*

---

<sup>21</sup> Álbum "Ainda é só o começo". <http://www.gabrielopensador.com.br>

*E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)*

*A rua é perigosa então eu vejo televisão*

*(Tá lá mais um corpo estendido no chão)*

*Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação*

*- Ué não te ensinaram?*

*- Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil*

*Em vão, pouco interessantes, eu fico pu..*

*Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio*

*(Vai pro colégio!!)*

*Então eu fui relendo tudo até a prova começar*

*Voltei louco pra contar:*

*Manhê! Tirei um dez na prova*

*Me dei bem, tirei um cem e eu quero ver quem me reprova*

*Decorei toda lição*

*Não errei nenhuma questão*

*Não aprendi nada de bom*

*Mas tirei dez (boa filhão!)*

*Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci*

*Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi*

*Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci*

*Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi*

*Decoreba: esse é o método de ensino*



*Eles me tratam como ameoba e assim eu num raciocino*

*Não aprendo as causas e conseqüências só decoro os fatos*

*Desse jeito até história fica chato*

*Mas os velhos me disseram que o "porque" é o segredo*

*Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo*

*Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente*

*Eu sei que ainda num sou gente grande, mas eu já sou gente*

*E sei que o estudo é uma coisa boa*

*O problema é que sem motivação a gente enjoa*

*O sistema bota um monte de abobrinha no programa*

*Mas pra aprender a ser um ignorante (...)*

*Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu  
dormir)*

*Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre*

*Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste*

*- O que é corrupção? Pra que serve um deputado?*

*Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!*

*Ou que a minhoca é hermafrodita*

*Ou sobre a tênia solitária.*

*Não me faça decorar as capitânicas hereditárias!! (...)*

*Vamos fugir dessa jaula!*

*"Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)*

*Não. A aula*

*Matei a aula porque num dava*

*Eu não agüentava mais*

*E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais*

*Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam*

*(Esse num é o valor que um aluno merecia!)*

*Ííh... Sujô (Hein?)*

*O inspetor!*

*(Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)*

*Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar*

*E me disseram que a escola era meu segundo lar*

*E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente*

*Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!*

*Então eu vou passar de ano*

*Não tenho outra saída*

*Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida*

*Discutindo e ensinando os problemas atuais*

*E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais*

*Com matérias das quais eles não lembram mais nada*

*E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada*

*Refrão*

*Encarem as crianças com mais seriedade*

*Pois na escola é onde formamos nossa personalidade*

*Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância, a exploração*

*e a indiferença são sócios*

*Quem devia lucrar só é prejudicado*

*Assim cês vão criar uma geração de revoltados*

*Tá tudo errado e eu já tô de saco cheio*

*Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio...*